

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
CURSO TECNOLOGIA EM FOTOGRAFIA
O OLHAR DA FOTOGRAFIA SOBRE A INSERÇÃO DA BICICLETA COMO MEIO DE TRANSPORTE
NA CIDADE DE SÃO PAULO

Orientanda: Kamyla Borges da Cunha

Orientadora: Prof. Ma. Mirlene Simões Severo

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo avaliar como o fotojornalismo tem retratado a inserção da bicicleta como meio de transporte na cidade de São Paulo, e, de modo a cumpri-lo, realizou-se um breve levantamento bibliográfico e a análise de imagens veiculadas nos jornais Folha e Estado de São Paulo durante o ano de 2014. Referida análise tomou como parâmetros três conjuntos de elementos da fotografia: os aspectos formais, de design e de técnica. Esta análise reforçou o crescente entendimento de que a fotografia contemporânea não pode ser vista como reflexo da realidade, pois traz em si, como toda fotografia, um conteúdo subjetivo, prestando-se a comunicar mais do que informar. Também buscou-se demonstrar que o ato de comunicar da fotografia é dado por sua linguagem própria, a conter uma sintaxe, uma gramática e uma semântica.

Palavras-chave: Fotojornalismo. Linguagem fotográfica. Fotografia.

ABSTRACT

This paper aims to assess how photojournalism communicates bicycle insertion as a transportation mode in São Paulo city. In order to achieve this objective, two major steps have been done: the first one was a bibliographic research, and the other one was the identification and assessment of all photographic images conveyed by Folha de São Paulo and Estado de São Paulo during the year 2014. Three main photography elements have been taken as analysis' parameters: formal elements, design and technique. The results obtained reinforce that contemporary photojournalism cannot be seen as a reality reflex, because it encompasses, such as any kind of photographic expression, a subjective content, the reason why its purpose is to

communicate, not inform.

Keywords: Photojournalism. Photographic expression. Photography.

1 INTRODUÇÃO

As condições de (i)mobilidade, progressivamente agudas, no cotidiano de São Paulo, têm-se tornado temas recorrentes na vida urbana. Em particular, chama atenção a forma como a bicicleta tem sido inserida na dinâmica da cidade, alterando a percepção das pessoas quanto ao seu uso como meio de transporte e, conseqüentemente, modificando não só a paisagem urbana como também o comportamento do paulistano em relação a seu ir e vir.

Aos olhos do fotógrafo, a inserção da bicicleta como meio de transporte em São Paulo mostra-se relevante, à medida que desnuda novos comportamentos da vida urbana e oferece um arsenal de oportunidades imagéticas. Além disso, sob a perspectiva do estudioso da fotografia, também o convoca à análise sobre como o fotojornalismo tem abordado essa temática.

A esse respeito, algumas questões podem ser feitas: a imagética apresentada no fotojornalismo exprime as diferentes percepções e posicionamentos sobre o comportamento do morador de São Paulo no que diz respeito a seus modos de ir e vir, em especial, quanto ao uso da bicicleta como meio de transporte? Em caso positivo, como isso se dá? Quais recursos formais, de design e técnicos do fotojornalismo são usados? E como o uso destes interfere no modo como a imagem é captada e interpretada?

Tendo em vista as questões colocadas, o objetivo deste artigo é avaliar como o fotojornalismo tem retratado a inserção da bicicleta como meio de transporte na cidade de São Paulo.

De modo a cumprir este objetivo, adotou-se como metodologia, primeiramente, uma revisão bibliográfica sobre o tema, e, com base nesta, a análise de uma imagem de cada um dos dois principais jornais de grande circulação na cidade de São Paulo – Folha de São Paulo e Estado de São Paulo. Estas duas fotografias foram selecionadas dentre todas as apresentadas nestes jornais no ano de 2014 com a temática sobre bicicletas em São Paulo. Referida análise tomou como parâmetros três conjuntos de elementos da fotografia – os aspectos formais, de

design e de técnica.

Por fim, com base no levantamento bibliográfico e nas análises feitas das imagens veiculadas nos jornais, realizou-se um ensaio fotográfico com o objetivo de exprimir as impressões da autora sobre o tema deste artigo.

2 Revisão bibliográfica

2.1 Inserção da bicicleta como meio de transporte em São Paulo

A bicicleta não é um fenômeno novo nas ruas das grandes cidades brasileiras, como São Paulo. Até a metade do século XX, dividia espaço com os pedestres, bondes, animais e os poucos carros. Desde então, os automóveis têm cada vez mais dominado a paisagem urbana (Silva, 2014). Segundo aponta Correa et al. (2010), hoje, carros, pedestres e o transporte público têm, cada um, 1/3 dos deslocamentos feitos diariamente em São Paulo. De lá para cá, a bicicleta rapidamente perdeu espaço.

Recentemente, fatores como o estrangulamento das condições de mobilidade urbana, provocado pela insuficiente e deficitária oferta de transporte público coletivo e pelo crescimento exponencial de veículos privados, o aumento da preocupação ambiental, e o surgimento de movimentos espontâneos de cicloativismo, têm promovido o ressurgimento da bicicleta como alternativa de transporte na cidade (Malatesta, 2013). Como, porém, o planejamento urbano não tem conseguido acompanhar o rápido aumento dos deslocamentos por bicicleta, o que, somado ao histórico de insuficiente ordenação do espaço urbano e à carência de oferta e da qualidade do transporte público coletivo, tem resultado no acirramento dos conflitos pelo espaço viário da cidade (Malatesta, 2013).

Para o jornalismo em geral, e o fotojornalismo, em especial, a inserção da bicicleta como meio de transporte em São Paulo, evidencia-se, assim, como pauta relevante.

2.2 Mito do fotojornalismo como realidade

Historicamente, a fotografia jornalística tem sido associada à ideia de realidade, o que, segundo Sousa (2004), é fruto da própria evolução do fotojornalismo. Para Buitoni (2007), a natureza indicial da fotografia reforça esse mito, por mais que se tenha consciência das manipulações possíveis. Nas palavras de Flusser (2002):

O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo. (FLUSSER, 2002, p.14)

Porém, a associação da fotografia jornalística com a realidade tem sido progressivamente desmistificada. E não poderia ser diferente, já que um nível mínimo de subjetividade é da essência do ato fotográfico. Como ressalta Sontag (2004):

Ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exposição a outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos. (SONTAG, 2004, p.17)

O poder de decisão e de interpretação da realidade dado ao fotógrafo, conforme mencionado por Sontag (2004), tem sido potencializado com o avanço da técnica digital. Esta ampliou as possibilidades de manipulação da imagem, tornando mais complexo o entendimento da natureza da fotografia, a qual perde seu caráter meramente indicial e ganha outros contornos (Buitoni, 2007; Sousa, 2004).

As tecnologias digitais também viabilizaram um número crescente de instrumentos de edição das imagens pós-produção, permitindo a modificação completa da foto com níveis de sutileza que dificultam a identificação do que é real ou construído na imagem (Sousa, 2004).

A fotografia jornalística passa, assim, conforme afirma Queiroga (2012), “a mostrar não apenas o que a câmera registra, mas também o registro de uma percepção conjunta de homem e máquina” (QUEIROGA, 2012, p.13). E, diante disso, o que diferencia o profissional fotográfico não é mais o domínio da máquina, mas a sua capacidade de usar o ferramental técnico e estético para passar uma mensagem. Neste sentido, a fotografia jornalística desnuda-se do papel meramente de registro e passa a ser um instrumento de comunicação (Queiroga, 2012).

Zanini (2012) reforça este entendimento, ao pontuar que as imagens têm sido cada vez mais usadas como meio de vazão das subjetividades, dado que o jornalismo escrito tem-se submetido cada vez mais a mecanismos de controle direto (como a obrigatoriedade de cessão de direito de resposta) ou indireto (como a ameaça de processos judiciais).

Assim, se a fotografia jornalística evidencia-se como um instrumento de comunicação, ela necessariamente contempla uma linguagem própria (Lima, 1988).

2.3 Linguagem fotográfica

Conforme ensina Präkel (2010), a linguagem fotográfica é composta por uma sintaxe (elementos formais), uma gramática (composição) e uma semântica (narrativa). A sintaxe compreende os elementos formais da imagem, tais como a linha, a figura, o tom, a textura, o espaço (escala e dimensão) e a cor (Präkel, 2010, Dondis, 1974). Cada um desses elementos pode trazer significados essenciais à mensagem que se pretende passar. Para citar um exemplo, a cor é uma das mais importantes camadas de significação da imagem, já que traz relações não só semânticas (ambientar, simbolizar, conotar) como taxionômicas (organizar, destacar, hierarquizar, direcionar) (Guimarães, 2006).

A gramática da fotografia é dada pela composição, isto é, o modo como o fotógrafo integra os elementos formais e define a localização do objeto principal, criando intencionalmente percepções de tensão ou de equilíbrio (Dondis, 1974, Lima, 1988). No fotojornalismo, a composição ganha destaque, uma vez que é por meio dela que o fotógrafo consegue dar destaque a um elemento de impacto (Lima, 1988).

Também se revela essencial à construção da imagem-mensagem o domínio da técnica fotográfica, que se faz presente na ação de fotografar e é dada por escolhas tais como (Guran, 1999):

- o momento do clique, entendido como um dos aspectos mais cruciais no fotojornalismo;
- o ajuste focal, pelo qual é possível obter um foco seletivo;
- o enquadramento, que permite o recorte da realidade com o visor da câmera;
- a profundidade de campo e a velocidade, as quais agregam distorções ou captam detalhes essenciais ao significado da imagem. (GURAN, 1999).

Todos esses elementos ajudam a construir a narrativa da fotografia. O propósito desta é dar sentido e coerência a uma imagem ou sequência de imagens, oferecendo a quem as vê uma linha condutora, um conceito, uma mensagem enfim (Short, 2013). No fotojornalismo, outros elementos são adotados para reforçar a narrativa da imagem, podendo-se citar os textos

que a acompanham, particularmente a manchete e a legenda (Lima, 1988). E, quando inseridas num contexto maior, que inclui o texto, bem como outras imagens editoriais e publicitárias, o conjunto desses elementos acaba por alterar substancialmente a percepção do registro inicialmente pensado pelo fotógrafo (Chiodetto, 2008, Lima, 1988).

3 RESULTADOS

3.1 Análise das imagens

Conforme explicitado na Introdução deste artigo, tomou-se como estudo de caso a análise de imagens veiculadas nos dois jornais de maior circulação em São Paulo – Folha e Estado, durante o ano de 2014. A coleta resultou em 42 fotografia de cada jornal, totalizando 84 imagens. Para fins do presente artigo, optou-se por escolher uma imagem de cada um dos veículos de imprensa selecionados para análise.

A imagem escolhida do jornal O Estado de São Paulo foi veiculada em matéria intitulada “Ciclovias do centro vira motofaixa no rush”, inserta no caderno Metrópole, na página A17, data de 13 de agosto de 2014 e tem autoria de Alex Silva.

Como pode se ver na Imagem 1, a fotografia aproveitou os elementos formais, principalmente as linhas formadas pelos eixos da calçada e da ciclovia, agregando-lhe o uso de uma lente grande angular, o que reforçou a sensação de “infinidade” do congestionamento.



Invasão. Motociclista transita por ciclovia da Av. São João, "que ninguém usa", diz presidente do Sindicato dos Motoboys

Imagem 1 - Fotografia veiculada em matéria do jornal O Estado de São Paulo

A foto foi feita no período da noite, o que permitiu ao fotógrafo ressaltar o contraste de cores, aproveitando o tom vermelho da ciclovia e as luzes acesas dos veículos, o que garantiu deu impacto à imagem.

Além disso, tirou proveito da regra dos terços, enquadrando a moto na intersecção dos terços e, ao mesmo tempo, criando uma tensão com a bicicleta, enquadrada na parte central inferior da imagem. Essa tensão foi reforçada por duas outras técnicas: o uso do tempo de exposição mais baixo, que deu a sensação de movimento à moto e aos carros em contraste com a bicicleta parada; e o foco a privilegiar a moto e a bicicleta.

Quando analisada em conjunto com o título da matéria e a legenda, a fotografia completa a narrativa, ressaltando a mensagem de uma ciclovia sem bicicletas (afinal, a única bicicleta na imagem está parada e fora da ciclovia) e que, assim, fica livre para as motos fugirem da via de tráfego congestionada.

A imagem escolhida do jornal Folha de São Paulo foi veiculada em 23 de setembro de 2014, no caderno Cotidiano, na página C3, tendo como título "Prefeitura vê apoio a ciclovias com 'alívio'", sendo de autoria de Eduardo Knapp (ver Imagem 2).



Imagem 2 – Fotografia veiculada em matéria do jornal Folha de São Paulo

A fotografia também aproveita bem os elementos formais, particularmente as linhas, que, uma vez em contraste com a direção dos pedestres e dos ciclistas, formam um cruzamento de linhas transversais e paralelas, o que dá movimento e ritmo à imagem.

O uso da cor foi fundamental para destacar a pessoa do Prefeito do resto das pessoas presentes na imagem. Outros recursos usados para chamar a atenção para ele é o enquadramento em três terços e o destaque ao primeiro plano, onde o Prefeito se localiza.

Neste caso, a fotografia também agrega conteúdo à narrativa, já que complementa o título e reforça a mensagem de que a atual gestão municipal é favorável à expansão da infraestrutura ciclovária na cidade.

3.2 Ensaio fotográfico

Por meio do levantamento bibliográfico, identificou-se que a inserção da bicicleta como meio de transporte em São Paulo revela, em verdade, um conflito pelo uso do espaço viário que tem suas origens na carência do planejamento urbano e na insuficiente e deficitária oferta de transporte público coletivo, dentre outros fatores.

Viu-se também que o fotojornalismo tem-se desnudado da ideia de servir como veículo de informação, passando a exprimir-se como meio de comunicação. A maior diferença reside no

entendimento de que o ato de comunicar traz, em si, o conteúdo de subjetividade, permeado de valores e visões próprias do fotógrafo (ou do editor do jornal), e se completa também a partir da perspectiva do observador. A análise das imagens reforçou este entendimento.

Tomando como base esse referencial, buscou-se realizar um ensaio fotográfico, no qual optou-se pelo uso dos elementos formais, de design e narrativa para passar a ideia de que, aos olhos da autora, a inserção da bicicleta como meio de transporte em São Paulo ainda é uma questão aberta, um processo em pleno acontecimento e, portanto, pouco claro e definido. Como elemento formal, adotou-se o branco e preto para reforçar o olhar particular da autora. Optou-se por retratar cenas do cotidiano da bicicleta na cidade. A técnica fotográfica priorizou o movimento – todos os ciclistas retratados estão desfocados e, portanto, pouco definidos. O resultado foi uma série de 4 imagens, a seguir apresentadas.



Fotografia 1 – Ghost bike colocada no cruzamento da Av. Paulista com a Rua Pamplona, representando mais uma ciclista vítima da violência no trânsito paulistano.



Fotografia 2 – Ciclistas e motoristas brigando pelo espaço na via: uma imagem recorrente antes da instalação da ciclovias na Av. Paulista



Fotografia 3 –Ciclofaixa de lazer de domingo, instalada na Avenida Paulista: o símbolo da cidade de concreto se torna mais humano.



Fotografia 4 – Inauguração da ciclovía da Avenida Paulista: protestos se mesclam à festa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procurou-se, de forma sintética, abordar a fotografia jornalística, reforçando o crescente entendimento de que esta não pode ser vista como reflexo da realidade, mas que traz em si, como toda fotografia, um conteúdo subjetivo, prestando-se a comunicar mais do que informar.

Também buscou-se demonstrar que o ato de comunicar da fotografia é dado por sua linguagem própria, a conter uma sintaxe, formada pelos seus elementos formais, uma gramática, que é dada pela composição, e uma semântica, obtida pela narrativa.

Para exemplificar estas considerações, tomou-se como objeto de análise a inserção da bicicleta como meio de transporte na cidade de São Paulo, ressaltando-se que, por um lado, a bicicleta não poder ser ignorada como um elemento que compõe a mobilidade urbana, sendo parte da solução, e não do problema. Este, na verdade, é mais complexo e tem origens em décadas de insuficientes políticas públicas voltadas para a melhoria e ampliação do transporte público de qualidade e de priorização dos pedestres.

Para pontuar como a questão da bicicleta tem sido abordada pela mídia, foram apresentadas e analisadas duas fotografias, veiculadas nos jornais de maior circulação em São Paulo e que abordam a questão da inserção da bicicleta como meio de transporte na cidade.

Por fim, foi realizado um ensaio fotográfico com o objetivo de expressar o olhar da autora sobre a questão chave proposta – como a linguagem fotográfica pode ser usada para comunicar o entendimento particular do fotógrafo.

REFERÊNCIAS

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real. **Líbero**, ano X, n. 20, dezembro 2007.

CHIODETTO, Eder. **Fotojornalismo – realidades construídas e ficções documentais**. 180 p. 2008. Dissertação (mestrado em Ciências da Comunicação) – ECA – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

CORREA, Ricardo, CUNHA, Kamyla Borges da, BOARETO, Renato. **A bicicleta e as cidades – como inserir a bicicleta na política de mobilidade urbana**. São Paulo: Instituto de Energia e Meio Ambiente, 2010.

DONDIS, Donis A. **A primer of visual literacy**. Cambridge: MIT Press, 1974.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta – ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GUIMARÃES, Luciano. O repertório dinâmico das cores na mídia – produção de sentido no jornalismo visual. **XV Encontro da Compós**, junho 2006.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

PRÄKEL, David. **Fundamentos da fotografia criativa**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2010.

MALATESTA, Maria Ermelina Brosch. **A bicicleta nas viagens cotidianas de São Paulo**. 251 p. 2014. Tese (doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – FAU - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

QUEIROGA, Bruna Alves de. **Percepção e impacto no fotojornalismo – fotografia e comunicação**. 90 p. 2012. Dissertação (mestrado em Ciências da Comunicação) – ECA – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013. SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SILVA, Ricardo Correa da. **A bicicleta no planejamento urbano. Situação e perspectivas da inserção da bicicleta no planejamento de mobilidade (no Brasil e em São Paulo)**. 159 p. 2014. Dissertação (mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – FAU - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

ZANINI, Tássia Caroline. Fisionomia e discurso no jornalismo político: a produção de sentido por meio da expressão e gestualidade nas fotografias da mídia. *In Ave Palavra*, novembro 2012.